

Voltar ao Fundo, uma velha receita

BRASÍLIA — Poucas coisas poderiam ser mais feijão com arroz na política econômica do Ministro Mailson da Nóbrega que o acordo convencional que o Governo está disposto a celebrar com os banqueiros. Dada a impossibilidade de pagar os juros e o principal da dívida, os bancos concordam em refinanciar parte dos juros desde que o País se submeta ao figurino do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O Fundo aplica uma receita clássica: impõe um corte no déficit público para baixar a inflação e gerar um saldo comercial capaz de pagar a outra parte dos juros. A primeira consequência é a queda no crescimento. O sistema financeiro internacional chama essa fórmula de ajuste, compensando o País que se ajustou com a volta das relações comerciais.

Retomado o acesso a um programa **stand by** do FMI e ao financiamento dos bancos, o País pode renegociar suas dívidas com o Clube de Paris (que empresta para quem importa) e candidatar-se à carteira do Bird, que financia projetos de investimento vinculados, hoje, a um relatório sobre a situação econômica do candidato. Finalmente, é possível obter recursos do governo japonês, que tem uma linha de ajuda aos devedores.

Esse é um processo que se repete todos os anos, porque a renegociação plurianual mal começou a ser experimentada e implica em custos frequentemente elevados.